



PREGAÇÃO PURA DO EVANGELHO: HOMILÉTICA E HERMENÊUTICA DE CONVERGÊNCIA E ATUALIZAÇÃO

Pure Preaching of the Gospel: homiletics and hermeneutics of convergence and up-dating

Éder Beling¹

Resumo:

A Reforma Protestante colocou em evidência a centralidade da *Palavra* de Deus. Lutero com seus inúmeros questionamentos coloca acento na centralidade de Cristo e ao que Ele (Cristo) promove, tendo como base as Escrituras Sagradas, a fé e a graça. Num artigo publicado anteriormente levantaram-se algumas suspeitas sobre a relação hermenêutica da liturgia. Nesse artigo, pretende-se dar um passo adiante e dois para trás e entender de que forma podemos ter uma hermenêutica litúrgica que tematiza a *Palavra*, nesse artigo não se entrará fortemente na discussão dos *Sacramentos*. Em um diálogo ecumênico queremos abordar, mesmo que seja a partir de Lutero, o que ele e a comissão que escreveu o Livro de Concórdia, em especial a Confissão de Augsburg, entenderam quando se referiam à pregação pura do Evangelho (CA V e VII). Em conclusão, pode-se dizer que a pregação exige um grande trabalho de hermenêutica que vai do texto à revelação, passando pelo cotidiano da vivência e da experiência humana, fundamentada sob a Palavra de Deus e transformada em (P)palavra e ação humana.

Palavras-chave:

Reforma Protestante. Pregação. Evangelho. Hermenêutica. Liturgia.

Abstract:

The Protestant Reformation made evident the centrality of the *Word* of God. Luther, with his innumerable questionings focuses on the centrality of Christ and what He (Christ) promotes, having as the base, the Holy Scriptures, faith and grace. In an article published prior to this, suspicions were raised about the hermeneutics of liturgy. In this article, one intends to take a step forward and two back and understand in what way we can have liturgical hermeneutics which thematizes the *Word*, we will not be strongly entering the discussion about the *Sacraments*. In an ecumenical dialog, we wish to approach, even if it is based on Luther, what he and the commission which wrote the Book of Concord, especially the Augsburg Confession, understood when they referred to the pure preaching of the Gospel (AC V and VII). Concluding, one can say that preaching demands a great amount of hermeneutic work which goes from the text to the revelation, passing through daily life and the human experience, founded on the Word of God and transformed into (W)word and human action.

Keywords:

Protestant Reformation. Preaching. Hermeneutics. Liturgy.

¹ Doutorando em Teologia – Mestre em Teologia (2015) – Bacharel em Teologia (2012) – Faculdades EST. Bolsista CAPES. Orientado pelo Prof. Dr. Júlio César Adam. E-mail: ederbeling@gmail.com.

Considerações iniciais

A Reforma Protestante colocou em evidência a centralidade da *Palavra* de Deus. Lutero com seus inúmeros questionamentos coloca acento na centralidade de Cristo e ao que Ele (Cristo) promove, tendo como base as Escrituras Sagradas, a fé e a graça. Num artigo publicado anteriormente levantou-se algumas suspeitas sobre a relação hermenêutica da liturgia.² Nesse artigo, quer-se dar um passo adiante e dois para trás e entender de que forma podemos ter uma hermenêutica litúrgica que tematiza a *Palavra*, num segundo momento, em um artigo separado, analisar-se-á como se dá essa relação com os *Sacramentos*. Entendemos que esses são pontos importantes da história da igreja cristã, tendo-se em vista também que há divergências e convergências entre as igrejas em relação aos dogmas e doutrinas que instituem os sacramentos e o verdadeiro entendimento da Palavra de Deus, além de outros temas, que não nos ocuparemos aqui.

Em um diálogo ecumênico queremos abordar, mesmo que seja a partir de Lutero, o que ele e a comissão que escreveu o Livro de Concórdia, em especial a Confissão de Augsburgo, entenderam quando se referiam à pregação pura do Evangelho (CA V e VII).³ Sabemos da importância do tema, pois há convergências nesse sentido entre católicos e luteranos. Outro ponto de conflito dá-se no entendimento do ministério ordenado, mesmo que ambas as igrejas vejam e entendam como imprescindível a proclamação pública do Evangelho de Cristo e tenham a Cristo como seu fundamento. Já no âmbito do batismo, as duas confissões não possuem divergências, sendo que ambas reconhecem o rito batismal como sendo válido, pois ambas as igrejas se entendem como pertencentes e membros do Corpo de Cristo (1Co 12).⁴

Num recente documento da Conferência Nacional dos Bispos do Estados Unidos da América e da Igreja Evangélica Luterana da América (ELCA), as partes procuram demonstrar pontos de união e discordância sobre temas teológicos – a saber: igreja, ministério e eucaristia. Abaixo encontra-se a reflexão sobre Palavra, Escritura e os meios da graça, na qual ambas as confissões concordam:

(5) Luteranos e Católicos concordam que a Igreja na terra vive da e é governada pela Palavra de Deus, que encontra em Cristo, na Palavra viva do Evangelho, e nas Escrituras inspiradas e canônicas. (6) Eles são um ao considerar que a igreja na terra participa dos benefícios de Cristo através das ações históricas e perceptíveis de proclamar o evangelho e celebrar os sacramentos, como iniciado por Cristo e transmitido por seus apóstolos.⁵

² BELING, Éder. Liturgia e hermenêutica: da alegria e da beleza. *Tear Online*, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 23-36, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/viewFile/1869/2223>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

³ ARTIGO VII: Da Igreja. *Confissão de Augsburgo*. In: LIVRO DE CONCÓRDIA: As confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concordia, 1993. p. 31. Veja também a tradução do texto latino na página 66.

⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à comunhão*. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Brasília: Edições CNBB; São Leopoldo: Sinodal, 2015. p. 83.

⁵ “(5) Lutherans and Catholics agree that the church on earth lives from and is ruled by the Word of God, which it encounters in Christ, in the living word of the gospel, and in the inspired and canonical Scriptures. (6) They are one in holding that the church on earth participates in Christ’s benefits through the historical and perceptible actions of proclaiming the gospel and celebrating the sacraments, as initiated by Christ and handed on by his apostles.” UNITED STATES CONFERENCE OF CATHOLIC BISHOPS; EVANGELICAL LUTHERAN CHURCH IN AMERICA. *Declaration on the way: Church, Ministry and Eucharist*. [S. l. : s. n.], p. 16. Disponível em: <<http://www.elca.org/Declaration-on-the-Way>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

Em uma outra direção há a posição de Karl Barth. Para ele, a pregação possui lugar lá onde a palavra de Deus é revelada. E isso somente acontece, pois, a Palavra se fez carne, assim, Jesus Cristo se aproxima e se apropria do ser humano caído e pecador,⁶ lembrando o ato criador de Deus. Já em outro capítulo sob o título “caráter eclesial da pregação”, Barth em sua dialética, afirma que “a pregação tem lugar no meio chamado Igreja: está ligado à existência e à missão da Igreja”.⁷ Nesse tópico ele interpretará os sacramentos como Palavra de Deus revelada.

Ao exposto devemos acrescentar a prática eclesial, lembramos o Tema do Ano da IECLB de 2015 que é: “*Igreja da Palavra – chamadas para comunicar*”. Nesse ponto, detectamos novamente a tensão no interior da igreja protestante que acima de tudo se entende como “*Igreja da Palavra*”, entendemos essa denominação como sendo pejorativa, pois parece haver uma atrofiação no entendimento do que significa “Palavra de Deus”. Seria como pensar que Deus não faz outra coisa e não se revela de outras maneiras que não seja em palavras. Certamente não podemos cair num criticismo absoluto e afirma que a linguagem não é importante, mas por outro lado, a rica história da igreja cristã não nos permite entender a pregação como a **única forma da revelação de Deus**, o que também seria uma errônea interpretação bíblica.

Assim sendo, a forma mais correta de entender o exposto até o momento é encontrada na renovação do culto promovida pelo próprio Lutero que novamente colocou a centralidade na Escritura, não em contraposição aos Sacramentos, nem os retirando da liturgia do culto, mas entendendo a centralidade de ambas as formas de “pregação” ou “acontecimento da Palavra”. Portanto,

Culto era para conformar, de uma forma ou de outra, a escritura; escritura era para ser lida no culto público na língua do povo; sermões eram para serem pregados a partir das leituras bíblicas; e práticas litúrgicas [sacramentos e Ofícios] deveriam ser julgados de acordo com as normas bíblicas.⁸

Pregação a partir do contexto da Reforma: convergências

Não podemos separar as duas coisas, Palavra (pregação) e Sacramentos (batismo e santa ceia) da práxis da igreja. Não há igreja sem palavras e Palavra de Deus, bem como não há igreja sem os sacramentos. Podemos dizer que isso é uma característica fundamental do ser comunidade que tem Jesus Cristo como seu centro. Para Brakemeier, há a apreensão no seio luterano por uma prática correta é uma preocupação legítima das mesmas. Em princípio podemos vincular isso expressamente à pregação, quando a CA V e VII fala da pregação pura ou correta.

Cabe esclarecer que o luteranismo relaciona a exigência da “pureza”, isto é, da *autenticidade evangélica*, não somente à pregação. Fala também em “doutrina”, ou então “confissão”. *Ensino, prédica, credo são termos correlatos*. Já o mostra a comparação entre a versão alemã e latina de CA VII, ambas “oficiais”. O texto latino fala no ensino puro, o alemão na pregação pura, sendo que ambos se encontram numa confissão que se pretende cristã e ecumênica.⁹

⁶ BARTH, Karl. *La proclamación del evangelio*. Salamanca: Sígueme, 1969. p. 24-25.

⁷ BARTH, 1969, p. 29.

⁸ Worship was to conform, in one way or another, to scripture; scripture was to be read in public worship in the language of the people; sermons were to be preached on the scripture readings; and liturgical practices [sacramentos e ofícios] were to be judged according to biblical norms.

⁹ BRAKEMEIER, Gottfried. “Pregação pura e correta ministração dos sacramentos”: significado e implicações. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 43-49, 2013. p. 44. Disponível em:

Nesse contexto, percebe-se a centralidade da Palavra em relação à sua não centralidade, se pensarmos que os cultos da igreja medieval eram centrados no rito do sacramento da eucaristia, não havendo leituras na língua do povo, tendo pregadores esporádicos que ocupavam os púlpitos no centro da nave da igreja, mas nada que leve a considerar a importância que se há na atualidade em relação à pregação e à Palavra de Deus, além disso há o agravante de povo não ter acesso à revelação através da Palavra a não ser por um ministro ordenado.

Em Lutero podemos perceber que sua preocupação é ensinar a fé a partir da Sagrada Escritura, por isso, justifica dizendo que escolhia textos de Paulo que ensinam a fé. Ademais, sua preocupação não está em ler perícopes morais ou exortativas, mas em ensinar a fé em Cristo.¹⁰ Nesse contexto, pode-se questionar o que seria ensinamento baseado na Escritura, se há passagens bíblicas mais importantes do que outras? Baseando-se no julgamento de Lutero podemos dizer que todas as passagens bíblicas são importantes e ensinam sobre Cristo. Mas ele próprio encontrou resistência nessa hermenêutica e interpretação, acusando a carta de Tiago de ser uma “epístola de palha” por seu conteúdo ser baseado nas obras.¹¹

Altmann numa tentativa de reler essa discussão de Lutero propõe que o sentido literal de interpretação em Lutero e que baseia toda a hermenêutica na justificação por graça e fé, a partir do qual toda a escritura tornar-se-ia entendível.¹² A partir desse contexto, o autor refaz o caminho até Lutero e o sentido literal de interpretação da Bíblia e propõem um entendimento em que se possa aduzir uma “reserva de sentido” a partir dela. Assim, tendo em vista que toda hermenêutica e interpretação bíblica possuem suas debilidades e limitações e são ideologicamente condicionados, mas tendo em vista que a Escritura, como a sua auto-intérprete não pode e nem deve estar condicionada a nenhum hermenêutica ou ideologia.¹³ Sendo que desse contexto deve prevalecer a “reserva de sentido”, onde podemos nos questionar juntamente com Lutero o que promove a Cristo?

A releitura de Tiago 2.21 e Romanos 4.2-3 pode ser operada, segundo Altmann, a partir de “um entendimento dinâmico do conceito de sentido literal, que não exclua a descoberta de sentidos inusitados para o texto da Escritura”.¹⁴ Ou seja, as novas descobertas sobre a Bíblia, sua história, testemunho e memória podem nos ajudar a entender o que a Palavra de Deus quer nos dizer, qual sua interpretação para o mundo de hoje. Por outro lado, o seu sentido literal também deve ser levado em consideração, de modo que possa a Bíblia ser confrontada com a Bíblia, a partir do pressuposto que de há divergências internas que podem ser interpretadas de x ou y modos. Ademais, nossa prática e nossa tradição, por melhor que sejam fundamentadas também expõem contradições com relação à “verdade” bíblica, por exemplo, num dos textos da lei se expressa a modelagem da roupa do sacerdote (Êx 28.3-43; Êx 39.1-31), se interpretarmos esse texto em seu sentido literal (quase fundamentalista), podemos dizer que o talar preto não pode ser usado como veste litúrgica, nem a alba pode, pois elas não têm a sua fundamentação na Bíblia, mas na tradição,

<http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/582/536>. Acesso em: 01 dez. 2015.

¹⁰ LUTERO, Martinho. Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg (1523). In: LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. v. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concordia, 2000. p. 160.

¹¹ ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação: releituras de Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática, 1994. p. 112.

¹² ALTMANN, 1994, p. 105.

¹³ ALTMANN, 1994, p. 111.

¹⁴ ALTMANN, 1994, p. 112.

assim até mesmo o uso de terno deveria ser abolido e deveria se prezar pela veste revelada na “verdade” da Palavra de Deus, afinal, foi Deus mesmo que deu essa ordem.

Num outro exemplo, a partir de Maraschin, ele se faz a pergunta sobre qual é a linguagem de Deus? Como nos expressamos sobre Ele? Ele afirma que não temos uma radiografia de Deus como se costumava pensar (ou ainda se pensa), ou seja, não sabemos tudo sobre Deus, como se pressupunha no século XIX. Mas que Deus, Jesus e Espírito Santo “são símbolos de experiências e de esperanças. Com certas ressalvas, é claro”.¹⁵ Mas ao discorrer em seguida sobre a linguagem ele afirma: “Quando a Bíblia diz: ‘Deus é amor’, não está dizendo que ‘amor é Deus’. Mas se Deus é ‘amor’, será heresia e descrença qualquer tipo de ‘desamor’”.¹⁶ Por isso,

Adorar a Deus significa, então, dizer coisas desse tipo, relacionadas, igualmente, com comportamentos afins. Assim, ‘glorificar a Deus’ não quer dizer aumentar a glória de Deus com nosso culto – como se isso fosse possível – mas sim que essa glória de Deus pode aparecer no mundo passamos a viver segundo aquilo que caracteriza Deus, ou seja, segundo as evidências do amor. Vale a pena recordar a frase de Santo Irineu: ‘É o ser humano vivo que é a glória de Deus’.¹⁷

Trata-se, talvez, de uma “forçosa” interpretação a que acima foi feita. Mas não é assim totalmente fora do contexto, pois estou a interpretar a partir de minha visão, posso até mesmo afirmar que foi-me diretamente revelado pelo Espírito Santo essa interpretação. Com isso, não se quer anular a vontade divina presente através do Espírito Santo, mas deixar claro que toda a palavra que sai da boca do ser humano encontra-se condicionada, quer ela seja a partir da Bíblia, da história, da tradição ou da prática. Por isso, podemos afirmar que em cada contexto, em cada lugar, em cada momento histórico os textos desvelaram novos sentidos em cada situação que era, é e será vivenciada. Por isso, Lutero não arrancou as páginas da Carta de Tiago e de outros escritos do cânone bíblico, mas foi crítico em relação a elas como em sua época e seu *Sitz im Leben* exigiam. Como os filósofos analíticos da linguagem costumam afirmar, não se trata de uma afirmação falsa ou verdadeira¹⁸, mas de entender qual é a liberdade e a verdade que advêm do testemunho de vida daquele ser que foi chamado de Filho de Deus e a Ele promove/propulsiona.

À modo de conclusão: atualização

Nesse sentido, uma pregação pura do Evangelho parte da Bíblia (história e memória) e da realidade das pessoas (sua cultura, práxis e vivência). Nisso estão relacionados todos os aspectos anteriores. Uma verdadeira e pura pregação do Evangelho se faz conhecendo a ferramenta, ora uma lavradora não vai à roça sem sua enxada, ela sabe que precisa dela para capinar (carpir). É preciso estudo e dedicação no entendimento e na interpretação da Palavra de Deus, pois ela tem seu contexto histórico e até mesmo mais de um.

Em segundo lugar, deve haver um respeito pela memória que ali se encontra presente, seja ela escrita ou passada pela tradição. A Bíblia deveria nos ensinar a amar as pessoas e a Deus acima de tudo, isso inclui respeitá-las, dialogar, usar palavras que expressem carinho e afeição, caso contrário se estará usando “palavras” para ferir as pessoas e magoa-las e se cometerá por parte do

¹⁵ MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de litúrgicas*. São Paulo: ASTE, 1996. p. 114-115.

¹⁶ MARASCHIN, 1996, p. 115.

¹⁷ MARASCHIN, 1996, p. 115.

¹⁸ AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

ministro(a) um “abuso espiritual”.¹⁹ Como a lavradora que não respeita ou não sabe manusear a enxada, ela pode acabar se machucando ou machucar alguém por não saber usar a enxada.

Em terceiro, é preciso saber usar as palavras corretas. A pregação pura do Evangelho não é aquela que é mais correta histórica, gramática, linguística ou comunicacionalmente, pode sim haver um erro, mas é preciso ter certeza sobre quem conduz a pregação, nesse caso o Espírito Santo, que sopra em nossos corações e ouvidos a sabedoria que advém da Palavra de Deus (Escritura/Bíblia) e se encontra revelado no ato salvífico de Jesus Cristo. É como a lavradora que esqueceu de capinar algo bem no início de sua empreitada, seria como se ela não reconhece que errou e deixasse suas verduras morrerem por não assumir que esqueceu de capinar um pedaço, nesse sentido, mesmo que o/a ministro/a recebam a incumbência de pregar, eles/elas jamais podem esquecer que continuam seres humanos justificados e pecadores.

Em quarto, a pregação é uma palavra humana e uma Palavra de Deus que possui uma ação descrita em suas linhas. É uma comunicação constante em três sujeitos – Deus, pregador (a), ouvinte – que ativamente estão realizando alguma ação, seja ela através da fala, da leitura, da recuperação da memória que contém uma ação performativa, seja ouvindo e interpretando essa Palavra/palavra em sua própria vivência pessoal e coletiva. Pois,

Apesar da diversidade estes textos possuem traços comuns. Fazem parte de um cânon. E, mesmo com diferenças salientes, pretendem testemunhar a fé de pessoas, comunidades. O testemunho aparece em muitos ângulos e perspectivas. Esses discursos são registros de memória cuja finalidade principal, mesmo na variedade, é testemunhar algo importante. Trazem uma marca essencial: articulam palavra e vida, vida e ação, motivações e esperança. São o que alguns autores denominam de discurso performativo [Austin]. O performativo significa que a fala ou o discurso já são como tais uma ação; ação dirigida a alguém e carregada de expectativa de resposta também participativa. Esses discursos não só dizem, testemunham no ato de dizer e escrever. A palavra se transforma numa mensagem que interpela a pessoa para ser interpretada e respondida: como se dissesse, creia. Nesse caso a palavra traz com ela uma incompletude se separada do ato. O Deus da Palavra faz da Palavra um performativo por excelência.²⁰

Já faz algum tempo que a nova homilética tem insistido em alguns caminhos que permitam uma forma de pregação que tenha como sujeito da pregação a interrelação entre os múltiplos sujeitos da ação do culto cristão. Não podemos negar a dificuldade luterana em seu compromisso teórico com o tema do sacerdócio geral de todos os crentes, mas devemos reconhecer a culpa por uma práxis “ministrocêntrica” (para não dizer “pastorcêntrica”), tendo em vista que a IECLB possui como modelo de ministério com ordenação o ministério compartilhado. Mas também devemos entender que o entendimento de sacerdócio geral de todos os crentes não pode ser simplesmente reduzido à intensão de que qualquer pessoa possa pregar (aqui a pregação no culto regular), para tal a Confissão de Augsburg é suficientemente clara ao afirmar nos artigo “14: Da Ordem Eclesiástica” o seguinte: “Da ordem eclesiástica se ensina que, sem chamado regular, ninguém deve

¹⁹ CÉSAR, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009. p. 46-47. Segundo ela, a três tipos de abusos cometidos por ministros (as) religiosos (as): 1) Complexo de Deus: quando se equipara as palavras humanas à revelação divina; 2) Autobeneficiamento de informações pessoais: usa informações pessoais para tirar proveito das pessoas; e 3) Títulos bíblicos: o abuso dos títulos bíblicos induzem as pessoas, mesmo as cultas, a acreditarem nas palavras de inúmeros pastores.

²⁰ JOSGRILBERG, Rui de Souza. Hermenêutica bíblica e a vida cotidiana. *Revista Caminhando*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 41-50, jan./jun. 2011. p. 47-48. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/2536/2644>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

publicamente ensinar ou pregar ou administrar os sacramentos na igreja.”²¹ Nossa ação e práxis evangélica, na revelação de Jesus Cristo, é sua palavra querigmática impelem a uma constante revisão, convergência e atualização que nos proporciona um entendimento da unidade da revelação divina.

Assim, podemos dizer que a pregação exige um grande trabalho de hermenêutica que vai do texto à revelação, passando pelo cotidiano da vivência e da experiência humana, fundamentada sob a Palavra de Deus e transformada em palavra e ação humana. Por isso, o correto e puro estudo da Bíblia e tudo o que a ela concerne deve ser sempre nossa maior ação proclamativa, onde há respeito pela revelação querigmática da trindade e respeito que se transforma em ação performativa através da palavra e da Palavra de Deus. Isso nos lembra que nossa linguagem não deve produzir dor, sofrimento e distensão entre as pessoas, o/a pregador (a) e Deus. Deve se sobressair sempre a verdadeira e pura comunicação entre os agentes da ação performativa através da linguagem e da práxis do cotidiano. Como Igreja de Jesus Cristo, que vive sob a Palavra de Deus e revelada aos seres humanos temos o dever de constantemente rever nossas ações, sejam elas na comunidade, na igreja, na família ou na sociedade e procurar a unidade que advém da Palavra de Deus.

Referências

ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação: releituras de Lutero em perspectiva latino-americana*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática, 1994.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1990.

BARTH, Karl. *La proclamación del evangelio*. Salamanca: Sígueme, 1969.

BELING, Éder. Liturgia e hermenêutica: da alegria e da beleza. *Tear Online*, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 23-36, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/tear/article/viewFile/1869/2223>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

BRAKEMEIER, Gottfried. “Pregação pura e correta ministração dos sacramentos”: significado e implicações. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 43-49, 2013. Disponível em: <http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/582/536>. Acesso em: 01 dez. 2015.

CÉSAR, Marília de Camargo. *Feridos em nome de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

²¹ ARTIGO XIV: Da ordem eclesiástica. *Confissão de Augsburgo*. In: LIVRO DE CONCÓRDIA, 1993, p. 34. Veja também a tradução do texto latino na página 70. O mesmo artigo encontra-se no preâmbulo do “Estatuto do Ministério com Ordenação da IECLB”, após os artigos IV e V da CA. IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Estatuto do Ministério com Ordenação. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

CONFISSÃO DE AUGSBURGO. In: LIVRO DE CONCÓRDIA: As confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concordia, 1993.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Estatuto do Ministério com Ordenação. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/estatuto-do-ministerio-com-ordenacao-da-ieclb>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

JOSGRILBERG, Rui de Souza. Hermenêutica bíblica e a vida cotidiana. *Revista Caminhando*, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 41-50, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CA/article/view/2536/2644>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

LUTERO, Martinho. Formulário da Missa e da Comunhão para a Igreja de Wittenberg (1523). In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. v. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concordia, 2000.

MARASCHIN, Jaci. *A beleza da santidade: ensaios de litúrgicas*. São Paulo: ASTE, 1996.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à comunhão*. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Brasília: Edições CNBB; São Leopoldo: Sinodal, 2015.

UNITED STATES CONFERENCE OF CATHOLIC BISHOPS; EVANGELICAL LUTHERAN CHURCH IN AMERICA. *Declaration on the way: Church, Ministry and Eucharist*. [S. l. : s. n.], 2015. Disponível em: <<http://www.elca.org/Declaration-on-the-Way>>. Acesso em: 17 nov. 2015.